

DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1980-3532.2016n15p37>

A condição juvenil interrompida? O lazer e a sociabilidade juvenil em torno da rua em áreas de ocupação urbana em Uberlândia – MG

The youth condition interrupted? The recreation and sociability youth around the street in urban occupation areas in Uberlândia – MG

Douglas Gonsalves Fávero
Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
bolsista CAPES
faverodg@gmail.com

Sérgio Paulo Morais
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História e do programa de pós-graduação em Educação, ambos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
moraiisp@yahoo.com.br
FAPEMIG-APQ-00093-13

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar a sociabilidade juvenil criada e vivenciada por jovens da ocupação urbana Élisson Prieto em Uberlândia – MG. Por meio de uma pesquisa do tipo survey buscamos compreender as experiências dos jovens, com foco na sociabilidade em torno do lazer e da rua. Partimos da hipótese que os jovens, mesmo com sua condição juvenil limitada pelas relações de classe, criam espaços de sociabilidade em torno da rua, como formas de resistência, que afirmam a sua condição juvenil interrompida. Dessa forma, criam-se culturas que emergem, ao mesmo tempo sendo incorporadas e criando contra-hegemonias que contribuem na constituição dos jovens enquanto sujeitos.

Palavras-chave: Juventude; Experiência Juvenil; Sociabilidade

Abstract: The present article aims analyze the youth sociability created and lived by young from the urban occupation Élisson Prieto in Uberlândia – MG. Through a research type survey, we sought to understand experiences of youth, with focus in the sociability around the leisure and the street. We start from the hypothesis that young people even with their limited youthful condition by class relations, they create sociability areas around the street, as a means of resistance, that claim their interrupted youthful condition. In this way, it creates cultures that emerge while being incorporated and creating counter hegemonies that contribute to the formation of young people as subjects.

Keywords: Youth; Youthful Experience; Sociability

Originais recebidos em: 29/08/2016

Aceito para publicação em: 16/12/2016



Este trabalho está licenciado sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/) Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a criação de obras derivadas 3.0 Unported License.

Introdução

Este artigo busca analisar a sociabilidade juvenil vivida, criada e ressignificada em torno das ruas das periferias de um grande centro urbano. Para tal, apresenta alguns resultados de uma pesquisa maior que buscou investigar a experiência juvenil e seus modos de vida no processo de luta pela moradia em áreas de ocupações urbanas em Uberlândia – MG. A pesquisa tem o materialismo histórico como concepção epistemológica e ferramenta analítica, valendo-se de uma abordagem predominantemente qualitativa, combinando *survey* com história oral. Neste ensaio, ao apresentarmos os resultados obtidos buscamos analisar os padrões destes jovens, levantados a partir dos questionários aplicados e das observações dos pesquisadores em campo. Dessa forma, o artigo apresenta primeiramente, e de forma breve, a concepção de juventude trabalhada, seguido dos padrões de vida dos jovens da ocupação Élisson Prieto e como eles vivenciam a sociabilidade em torno das ruas da cidade. Tais vivências de sociabilidade expressaram-se como mediações importantes na constituição da experiência juvenil.

Mas afinal, o que é a juventude? Ou, o que significa ser jovem? Perguntas como estas são palco de divergências entre diferentes campos das ciências humanas, levantando diversos debates e entendimentos sobre a juventude. Encontram-se desde noções que compreendem a juventude de maneira geracional, partindo de elementos físicos psicológicos, como uma etapa da vida e uma faixa etária estabelecida às leituras que compreendem a juventude de maneira substancializada ou adjetivada, sempre vendo os jovens como atores privilegiados ou vulneráveis e, até mesmo, leituras com vertentes classistas, vendo todas as dimensões culturais da juventude como cultura de classe (CASTRO, 2005; DAYRELL, 2001, GROppo, 2000). Partimos da compreensão da juventude enquanto uma categoria social e histórica, formada a partir de uma representação simbólica construída socialmente e das formas como os sujeitos vivenciam essa representação – a condição juvenil e uma situação vivida (ABRAMO, 2008; DAYRELL, 2001; SPOSITO, 1996).

A flexibilização da categoria analítica juventude ocorre, a princípio, pela prorrogação desta fase de 15 a 24 anos para 15 a 29 anos, ocorrida inicialmente nos países centrais, caracterizada principalmente pelo maior tempo de estudos e pela moratória do trabalho (SPOSITO, 1996). Para Sposito (1996), o que caracteriza a condição juvenil é uma

relação entre a saída da infância e a entrada no mundo adulto, podendo ser, de certa maneira, compreendida nesta relação entre trabalho, educação, família e sociabilidade.

Em se tratando dos sujeitos do nosso estudo, jovens das camadas populares que vivem em periferias de grandes centros urbanos, e neste caso em uma ocupação urbana, observa-se que o fenômeno da flexibilização pode ocorrer de maneira distinta. Nesse contexto, a flexibilização ocorre no chamado limite inferior, com uma saída mais rápida da infância e conseqüentemente uma entrada mais cedo no mundo adulto. Há, desse modo, uma interrupção ou limitação da condição juvenil, em que eles são privados de exercerem a própria juventude e o mundo adulto – com todas suas responsabilidades, necessidades e expectativas – é antecipado.

Na maioria das vezes, isso ocorre pela necessidade de reprodução da vida material e no sustento da família (seja financeiro, seja como trabalho doméstico). Para esses jovens, a sociabilidade fica limitada à família, à religião, ao trabalho (visto que já abandonaram ou concluíram seus estudos), e o lazer resume-se nas esferas familiares, realizando-se na visita a parentes, ida a parques, lanchonetes, *shoppings centers*, sempre em companhia de cônjuges e filhos.

Assim, é possível observar os limites e pressões colocados para estes jovens no tocante à sociabilidade e na realização da própria experiência juvenil. Entretanto, para tantos outros desses jovens, as pressões exercidas sobre esses limites afirmam a sua condição juvenil por meio de espaços de sociabilidade criados, ressignificados e vividos. Dentro desses limites, e sob essas pressões eles agem, vivem, sentem, relacionam-se, pensam o mundo em que estão inseridos e agem sob essas relações determinadas, que por sua vez agem sobre sua própria consciência, em um processo no qual a experiência exerce pressões sobre a consciência e sobre os limites colocados:

Pois não podemos conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadores, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem o pensamento. O que queremos dizer é que ocorrem mudanças no ser social que dão origem a experiência modificada; e essa experiência é determinante, no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e proporciona grande parte do material sobre o qual se desenvolvem os exercícios intelectuais mais elaborados. (THOMPSON, 1981, p. 16).

Neste processo de ação sob determinados limites, a rua torna-se palco na materialização de uma condição juvenil, sendo uma mediadora da constituição da experiência. Nesse sentido, suas experiências, enquanto sujeitos jovens, levam a agir e ser de maneiras distintas do mundo adulto. Mesmo com essa antecipação, a forma de encará-la leva a marca juvenil, que muitas vezes se expressa nos estilos – nas formas de música que são ouvidas e compostas, nas maneiras de organizar a vestimenta, nas formas e expressões de falas e de outras linguagens.

A representação simbólica da juventude – uma consciência social – emerge a partir da prática social e histórica, em que se atribui a toda uma geração uma representação permeada de valores e costumes, caracterizada por uma relação entre a não entrada no mundo adulto e a saída do mundo infantil, ou seja, em uma situação ainda não definida completamente nas relações de trabalho, pela certa dependência e independência com a família, seja na de origem ou em na constituição de uma nova, assim como a experimentação de diversos espaços de sociabilidade como referência na constituição da personalidade que se expressa como modos de ser jovem (DAYRELL, 2001). Toda essa representação e consciência social conferem uma unidade a esta categoria, enquanto a sua diversidade nos remete às suas determinações¹ sociais.

As situações vividas são determinadas socialmente e experimentadas de diferentes formas. Trata-se não de uma relação direta econômica e de classe, mas de um processo de fixação de limites e exercícios de pressões (WILLIAMS, 1979), em que a produção e reprodução material da vida, assim como a condição de classe, impõem limites em que estes jovens podem agir (e agem), da mesma forma que exercem pressões enquanto culturas, ideologias, necessidades e expectativas nestes sujeitos. De maneira recíproca, existem pressões exercidas pelos sujeitos em sua cultura e práxis sob estes limites. Esse processo de ida e vinda – de transformação do mundo e das relações sociais e autotransformação dos sujeitos enquanto seres sociais – constitui a experiência e, neste caso, a experiência juvenil. Os seres sociais determinando a consciência social e sofrendo pressões da mesma, sendo a experiência um diálogo deste processo:

¹ Determinações é utilizada ao longo do texto com o sentido atribuído por Raymond Williams em fixar limites e exercer pressões (WILLIAMS, 1979, pp. 87-93).

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo [experiência humana] – não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* [...] das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p. 182).

Portanto, a imensa diversidade da juventude, imersa em diferentes experiências, sob a pressão de uma representação simbólica constitui a condição juvenil. Uma cultura (THOMPSON, 1998) – formada pela práxis – de modos de viverem a juventude sob determinadas relações concretas, expressam formas diferentes de ser, que se expressam em estilos, em formas de linguagem, literatura e expressão.

São práticas sociais que emergem sob limites de uma cultura hegemônica, com bases em culturas residuais, que tendem a ser incorporadas pela hegemonia dominante ao mesmo tempo que criam formas de resistência (WILLIAMS, 2001). Um exemplo concreto de práticas culturais emergentes e apropriadas está em torno do RAP (*rhythme and poetry*) e do *funk* na sociabilidade juvenil das periferias urbanas (CAMARGOS; AUGUSTO, 2014; DAYRELL, 2001).

Dayrell (2001) sugere que as mudanças ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 impactam profundamente a condição juvenil, proporcionando empregos precários, uma escola pública que se especializa para as camadas populares – enquanto aumenta o número de escolas particulares – e um aumento de possibilidades culturais, porém, em grande parte, restringida para esses jovens. Para eles, as relações de trabalho não estão colocadas como opções e escolhas, mas como necessidades, limites e pressões.

O processo de reestruturação produtiva que ocorre no Brasil, a partir da década de 1990, afeta significativamente as relações de trabalho e, sobretudo, a relação dos jovens com o mercado de trabalho. Este processo é marcado pela precarização do trabalho em suas dimensões subjetivas (do trabalhador), salariais, nos benefícios sociais e na formalidade do mercado de trabalho. Os jovens são os sujeitos sociais mais afetados pelas relações de trabalho, estando entre os postos mais precários, a mercê da rotatividade entre o mercado formal e o informal e do desemprego. O que leva Alves (2012) a identificar os jovens como grande parte desse novo “precariado”, precarizados, invisíveis socialmente e sem representação sindical.

A experiência juvenil vivida na periferia apresenta ainda suas particularidades (que também implicam em uma grande diversidade) em relação a outros meios sociais, como universitários e bairros de classe média/alta e centrais. Conforme Dayrell:

Inicialmente, é importante situar o lugar social desses jovens, o que vai determinar, em parte, os limites e possibilidades com as quais constroem uma determinada condição juvenil. Podemos constatar que a vivência da juventude nas camadas populares é dura e difícil: os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DAYRELL, 2007, p. 1108-1109).

Para estes jovens, a garantia da própria sobrevivência – seja no complemento da renda familiar ou no sustento da própria família – impõe limites à sociabilidade, à escolaridade, ao acesso cultural, ao trabalho e à moradia. Para eles, o trabalho como uma fonte de renda não é visto como uma dimensão importante na constituição de suas experiências, mas sim como uma labuta e um mal necessário, seja para a sobrevivência e garantia familiar, seja para seu próprio consumo cultural. Esta dimensão não reconhecida pelos jovens sobre o trabalho não implica a negação da centralidade do mesmo, pelo contrário; mesmo o trabalho não estando colocado como opção, mas necessidade, ele possibilita a independência em relação à família de origem, possibilitando o consumo (inclusive cultural), assim como na possibilidade/necessidade de constituição de uma nova família, ou seja, pode-se afirmar que o trabalho, de certa maneira, também cria a juventude (DAYRELL, 2007).

Jovens da periferia e os padrões de vida na ocupação

É muito comum entre jovens de periferia de grandes centros urbanos, a condição juvenil ser interrompida pelas demandas sociais de reprodução da própria vida e, em boa parte dos casos, da família. Entretanto, mesmo com esta interrupção, os jovens resistem, criam em suas práticas cotidianas e suas experiências formas de afirmação de sua condição juvenil negadas pelas estruturas sociais, dentro de certos limites e sob certas pressões. Em

situações como esta, a rua assume um importante papel na afirmação da condição juvenil, assim como na constituição de espaços de sociabilidade responsáveis, em grande parte, pela formação dos jovens enquanto sujeitos.

Apresentamos, nesta seção, resultados do *survey* (BABBIE, 1999; BARBETTA, 2002) aplicados no bairro Élisson Prieto² buscando a identificação do perfil dos jovens, assim como seus padrões de vida. Este procedimento metodológico, partindo de uma pesquisa maior, procurou identificar os padrões de vida como um indicativo e orientação para o trabalho com fontes orais, buscando a identificação dos modos de vida dos jovens, a fim de apreender a experiência juvenil em áreas de ocupação urbana, assim:

Do padrão de vida, passamos ao modo de vida. Mas eles não significam a mesma coisa. O primeiro é uma medida de quantidades; o segundo, uma descrição (e, às vezes, uma avaliação) de qualidades. Enquanto as evidências estatísticas são apropriadas para o primeiro caso, precisamos confiar em “dados literários” para o segundo. A principal fonte de confusão surge quando se procuram extrair conclusões para um caso a partir de dados apropriados apenas para o outro. (THOMPSON, 2012, p. 43).

Portanto, parte-se de questionários semiestruturados e observações dos pesquisadores para compreender a sociabilidade juvenil que acontece nas ruas do bairro Élisson Prieto, na cidade de Uberlândia – MG. Os sujeitos desse estudo consistem em jovens das camadas populares, que vivem em áreas de ocupação urbana, ainda não reconhecida como bairro e sob um processo organizado de luta por esse direito fundamental.

O local escolhido para a pesquisa originou-se a partir de uma ocupação iniciada em motivo do despejo de quatro mil famílias de uma ocupação anterior. A área que foi ocupada por cerca de duas mil famílias pertence à Universidade Federal de Uberlândia, tendo em torno de sessenta hectares (600.000 metros quadrados), às margens da rodovia BR-050. Hoje, a área – ainda não reconhecida oficialmente como bairro – é identificada como bairro/assentamento “Élisson Prieto”, sendo a maior ocupação urbana existente em Uberlândia (DE SORDI, 2014).

Para contatá-los em suas experiências iniciamos uma pesquisa de campo realizada a partir de 173 questionários aplicados durante o mês de agosto de 2015, em que foram

² Cf. De Sordi (2014).

selecionados jovens na faixa etária entre 15 a 29 anos, a partir de uma amostragem aleatória sistemática. Tal amostragem foi feita por residências e abrangeu toda a ocupação, de modo que, podemos dizer que os resultados obtidos representam os jovens dessa ocupação, com uma margem de erro de até 7,5 pontos percentuais para mais ou para menos. Com este *survey* buscamos evidenciar os padrões de vida dos jovens e suas experiências em torno das condições de moradia, da escola, do trabalho, da relação com o movimento social e da luta pela moradia, do acesso às políticas públicas e dos benefícios sociais, da sociabilidade e do lazer, assim como da representação que os jovens fazem de si mesmo, enquanto jovens e moradores de uma ocupação urbana.

Assim, levantamos a hipótese de que os jovens, enquanto sujeitos, criam e vivenciam novos espaços de sociabilidade em torno do lazer e dos esportes que reafirmam o direito da juventude, ou seja, afirmam – como processos de resistência – a sua condição juvenil.

Um ponto de convergência entre os jovens homens e mulheres, que responderam os questionários de nossa pesquisa, dá-se em torno da interrupção dos estudos. Para ambos, a instituição de uma nova família, combinada com a necessidade do trabalho é o que mais afeta as relações escolares. As mulheres responderam de maneira direta ter interrompido os estudos por causa dos filhos, já os homens, na grande maioria, apontavam o trabalho como a necessidade de interromper os estudos, porém sempre articulada com a dimensão de constituição de uma nova família e com o sustento dos filhos; sendo os jovens com filhos a metade dos jovens da ocupação, 53%. Destes, 25% são solteiros e divorciados, e na maioria dos casos, dividem a moradia com pais ou outros parentes. Ainda entre os que possuem filhos, 46% tem dois filhos e 24% três filhos (ACERVO..., 2015).

Além disso nota-se, que a população economicamente ativa entre os jovens possui uma maior concentração entre os homens, sendo o dobro que as mulheres. Já o índice de desemprego corresponde à média nacional entre os jovens, sendo os mais afetados, no caso da ocupação, homens com a idade entre 20 a 29 anos. Notou-se também, no caso do bairro Élisson Prieto, as relações de formalidade e informalidade presentes nas experiências de trabalho, assim como a existência das altas taxas de desemprego. Quanto à formalidade e informalidade, entre os jovens que estão trabalhando temos a mesma proporção entre trabalhadores formais e informais (autônomos, *free lancer*, “bicos”). É possível notar a

precariedade do trabalho também pela faixa de renda, pois, a maioria destes jovens possui uma renda individual mensal variando entre meio salário mínimo e um salário e meio (ACERVO..., 2015).

Ressalta-se nesse ponto que a análise da questão do trabalho não pode ser absoluta, mas relacional, é preciso levar em conta também, no caso dos jovens, as relações familiares e escolares. No tocante à educação, a grande maioria (em torno de 70% destes jovens) não concluiu o ensino médio, sendo que 40% deles não concluíram sequer o ensino fundamental (ACERVO..., 2015).

Isso explica em partes os empregos precários formais e informais que esses jovens adquirem, sendo os formais com uma parte significativa nas esferas do comércio e serviços, como atendentes, lojas *fast food*, *callcenter*; ou na indústria como auxiliares de produção e serviços gerais. Por outro lado, os trabalhos informais giravam em torno de auxiliares e ajudantes de pedreiros, serviços domésticos e gerais (principalmente entre as mulheres) e diversas outras atividades na condição de ajudantes ou auxiliares. Neste contexto, a perspectiva do ensino superior não está colocada para esses jovens e o ensino médio é visto como a conclusão dos estudos (ACERVO..., 2015).

Nota-se, também, certa relação diferenciada entre os homens e as mulheres. Estas, no geral, apresentam uma escolaridade maior que a dos homens: dos jovens que concluíram o ensino médio, 65% são mulheres; por outro lado, elas são menos que a metade dos homens da população jovem economicamente ativa. Além disso, elas são as que menos sofrem com o desemprego e a informalidade: as mulheres contabilizam 15% dos jovens trabalhadores desempregados e 37% dos jovens trabalhadores informais. Em relação à informalidade – que trabalham por conta própria ou fazendo “bicos” – as atividades com maior representatividade exercidas pelas mulheres perpassam por diaristas, cuidadoras (idosos e crianças), vendedoras (cosméticos, roupas) e cabelereiras/manicures. Já em relação às mulheres que estão no mercado de trabalho formal, a maioria delas desenvolvem atividades variando entre empregadas domésticas, atendentes em comércios, *callcenters* e lojas *fast food* (ACERVO..., 2015).

Outra dimensão na relação do trabalho que afeta de maneira diferente as jovens mulheres em relação aos homens é o trabalho doméstico. Da população jovem não economicamente ativa do bairro Élisson Prieto, enquanto a minoria dos homens nesta

condição contribui com o trabalho doméstico, temos 95% das mulheres exercendo esse tipo de atividade (ACERVO..., 2015). E uma questão curiosa é a não representação que as jovens mulheres fazem do trabalho doméstico enquanto trabalho, já que não se apresenta como uma relação assalariada, mesmo ele sendo fundamental na reprodução cotidiana da vida.³

Na representação que os jovens fazem de suas vidas e de sua juventude é possível notar a experiência juvenil pressionando a consciência. Para muitos deles, a percepção do que é ser jovem ultrapassa os limites da idade. Para boa parte, a juventude aparece permeada de representações como uma fase da vida de aprendizado e de menos responsabilidades, articulada com mais momentos de lazer, tempos para realizar os estudos e fazer planos para a vida. Para os jovens que já constituíram família, muitos deles já não se consideram mais jovens, por não se verem nestas relações.

Entretanto, a visão que eles têm da juventude como um modo de ser e de pensar, constituído pela experiência juvenil, também aparece de forma significativa. E é esta representação que eles têm sobre a qual afirmam que ainda se sentem jovens, mesmo com todos os limites e pressões que as relações sociais estão imersas, ou seja, apesar de toda a responsabilidade com a nova família e o trabalho, eles agem e pensam como jovens, ao modo deles. No final das entrevistas perguntamos se eles sentiam-se e consideravam-se jovens, com um resultado bem significativo de 80% respondendo que ainda vivem a experiência juvenil, mesmo assumindo responsabilidades de adultos e ainda que possuindo, em boa parte, uma família constituída (ACERVO..., 2015).

Vemos assim que estas condições relacionadas entre trabalho, família e educação, impõem limites sobre esses jovens em seus processos de sociabilidade, sendo um deles o acesso cultural, bastante precário.

No Brasil, de certa maneira, os jovens possuem um acesso cultural restrito, resumindo-se a passeios em parques, praças e ocupações de alguns espaços públicos, festas em casas de amigos, cultos religiosos, passeios em *shopping centers* e sair com amigos em

³ A pergunta feita pelo questionário não era se o jovem tinha emprego, mas se ele trabalhava. Para os jovens que respondiam não trabalhar, perguntava-se sobre o trabalho doméstico e 95% das mulheres que responderam não trabalhar afirmavam depois fazer trabalhos domésticos em diferentes intensidades e durações, algumas delas tendo seu cotidiano por conta dessas atividades relacionadas ao lar. O trabalho doméstico também está presente entre as mulheres da população jovem economicamente ativa, o que as levam à duas ou três jornadas de trabalho diário.

bares e danceterias (SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE, 2013). Na ocupação não é muito diferente, estes jovens estão privados de boa parte do acesso cultural “disponível”, como bibliotecas, cinemas, shows, eventos esportivos, teatros, entre outros. Seus espaços de lazer e acesso cultural dão-se em torno de alguns parques, alguns bares e danceterias, atividades religiosas,⁴ shows de RAP e *funk* realizados nas periferias (ACERVO..., 2015). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que as mudanças ocorridas no Brasil possibilitam um maior consumo cultural, o seu acesso é restringido para grande parte dos jovens brasileiros:

Embora haja uma ampliação de possibilidades, há também uma restrição ao seu acesso. Podemos dizer que, no Brasil, a *modernização cultural* não veio acompanhada de uma *modernização social*. Essa é uma das faces perversas da nova desigualdade. Os jovens pobres se vêem, assim, privados da escola, privados do emprego, que vêm acompanhados pela limitação de meios a participação efetiva do mercado de consumo, da limitação de formas de lazer, da limitação dos direitos de vivenciar a própria juventude, e, o que é mais sério, vêem-se privados da esperança. (DAYRELL, 2001, p. 10, grifos do autor).

É neste quadro da nova desigualdade apontada por Dayrell que a sociabilidade assume uma importância na vida destes jovens. O restrito acesso cultural ao mesmo tempo os pressiona para criarem formas alternativas de produção e consumo cultural, assim como para os momentos de lazer. Nesta perspectiva, a sociabilidade ganha novos contornos e a rua se coloca como uma possibilidade concreta.

A rua e a sociabilidade juvenil

A sociabilidade é um importante processo na constituição dos jovens enquanto sujeitos sociais, contribuindo significativamente na construção e apropriação de valores e formas de ser. A juventude é um momento da vida em que a sociabilidade ganha novas dimensões, possibilitando, de certo modo, o distanciamento da esfera familiar e escolar, ao experimentar novas práticas, como esporte, trabalho (em várias situações), cultura, e novos espaços, destacando-se o espaço da rua como parte significativa de outras vivências. Os

⁴ A religião apresenta uma dimensão importante para a sociabilidade juvenil na ocupação, em que 64% dos jovens responderam frequentar alguma religião, e destes, 60% frequentam pelo menos uma vez por semana. A análise da religião envolve dimensões na vida destes jovens que não cabe tratar neste artigo, apenas ressaltar a sua importância.

processos de sociabilidade juvenil funcionam, assim, como mediações para as apropriações individuais de informações, valores, costumes e culturas coletivas, sociais e históricas. É neste sentido, que a sociabilidade juvenil constitui valores e práticas entre esses jovens, que se expressam através de estilos, como modos de ser jovem.

Na relação entre saída e afastamento da infância e a entrada do mundo adulto, a sociabilidade adquire uma centralidade na constituição da personalidade e nos modos de ser dos jovens. A juventude é o momento de ampliação dessas relações de sociabilidade para além das esferas familiares e escolares. A sociabilidade juvenil apresenta particularidades em relação ao mundo adulto, pois é marcada pela experiência juvenil, por um modo de ser e de pensar, pela grande referência na construção dos valores, costumes e personalidade, na conformação dos seus estilos, na vivência de expressões culturais particulares, questões já superadas pelo mundo adulto. Para esses jovens:

Ser adulto é ser obrigado a trabalhar para sustentar a família, ganhar pouco, na lógica do trabalho subalterno. Mas é também assumir uma postura “séria”, diminuindo os espaços e tempos de encontro, com uma moral baseada em valores mais rígidos, abrindo mão da festa, da alegria e das emoções que vivenciam no estilo. Para muitos, ser adulto implica ter de abrir mão do estilo, fazendo dessa passagem um momento de dúvidas e angústias, vivida sempre como tensão. (DAYRELL, 2003, p. 50).

Sendo assim, a tensão vivida durante a juventude não se caracteriza pela perda de referência familiar ou na entrada nesta fase, mas pelo contrário, a tensão caracteriza-se na saída da condição juvenil (ou de sua interrupção) e na entrada do mundo adulto. A transição para o mundo do trabalho, mais como necessidade que como expectativa, assim como a própria reprodução e de uma família, são elementos marcantes dessa crise. Esses momentos de transição da condição juvenil para o mundo adulto, ou a sua interrupção impõem limites sérios para a sociabilidade juvenil.

Esta importância que a sociabilidade juvenil apresenta para além das relações familiares pode ser vista nas turmas de amigos, nos grupos de pares, nos intervalos entre as obrigações, porém, presentes também nos espaços formais como escola e trabalho. “As turmas de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocam ideias’, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um ‘eu’ e um ‘nós’ distintos” (DAYRELL, 2007, p. 1111). Estas dimensões constituem-

se como mediadoras entre as diversas fontes culturais, valorativas e ideológicas, em que hegemonias e culturas se cruzam, muitas vezes como conflitos. Esses espaços são criados e recriados para além das estruturas colocadas. Nesse contexto, ressalta-se o processo de ocupação dos espaços urbanos, tanto no bairro como em outros locais, da mesma forma, há um processo de ressignificação da periferia, conforme aponta Dayrell:

Um exemplo claro é o sentido que os jovens atribuem ao lugar onde vivem. Para eles, a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo da violência, ambos reais. Muito menos aparece apenas como o espaço funcional de residência, mas surge como um *lugar* de interações afetivas e simbólicas, carregadas de sentidos. Pode-se ver isso no sentido que atribuem à rua, às praças, aos bares da esquina, que se tornam [...] o lugar privilegiado da sociabilidade ou, mesmo, o palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço. (DAYRELL, 2007, p. 1112).

É este o sentido da sociabilidade criada e vivenciada em torno da rua, abrangendo as praças, as esquinas, os bares, os pontos de encontros de amigos. A rua é um lugar onde a vida acontece, em grandes centros ela é vivida também como moradia e trabalho. No caso da ocupação, a dimensão da moradia é uma questão constante entre os jovens, visto a luta pelo direito e todo o longo e custoso período de construção das casas, pois muitas delas ainda são barracos de materiais recicláveis. Para muitos desses jovens, a rua torna-se a possibilidade colocada entre esses limites impostos à sociabilidade juvenil, e nesta perspectiva, eles criam, vivem e agem na rua. Esta assume uma centralidade na sociabilidade e na constituição da experiência; por meio dela, eles reafirmam a condição juvenil limitada.

Vale notar que na rua as contradições estão postas, a experiência é constituída por meio de diálogos, conflitos, ações e sentimentos. Ao mesmo tempo em que é um espaço privilegiado de construção cultural, é também palco de violência. Esta dimensão não deve ser tratada de maneira simples, fugindo das possibilidades deste trabalho,⁵ entretanto, é possível ressaltar que eles vivenciam esta questão de maneira direta, como reflexos de contradições sociais que se materializam no tráfico de drogas, nas gangues, na corrupção e na violência policial e, no caso da ocupação, na ameaça constante de uma reintegração de

⁵ Um relato interessante sobre a presença da violência na sociabilidade em torno da rua pode ser encontrado em Fiuza et al (2014).

posse. A dimensão da violência também tem uma centralidade na sociabilidade juvenil das periferias e com consequências sérias, visto que, no Brasil, os mais atingidos por mortes por causas externas (homicídios e acidentes) são jovens, homens, negros e de periferias de grandes centros urbanos (WAISELFISZ, 2014).

Portanto, tratar da sociabilidade em torno da rua, requer delimitar o contexto social em que ela ocorre, pois mais uma vez, as relações em torno da rua se dão de maneira diferenciada em um bairro periférico, aglomerado ou assentamento urbano de um bairro central, de classe média/alta ou na universidade, pois

De algum modo, a rua se inscreve na sociabilidade urbana, em vários momentos da vida das cidades, mas ela se reveste de especificidades históricas que precisam ser consideradas e examinadas na interação com outras instituições socializadoras. (SPOSITO, 1993, p. 166)

Entretanto, mesmo com todos os limites colocados sobre estes jovens, inclusive em torno da rua, há uma resignificação destes espaços com práticas e valores particulares, conforme continua Sposito:

Enfim, não é possível desconhecer as alterações no padrão das relações sociais que ocorrem nas ruas e bairros da cidade, quando o pano de fundo é a agudização da crise social, o crescimento do crime e do tráfico de drogas ao lado da convivência e da corrupção do sistema policial. No entanto, esta apropriação perversa não esgota todas as possibilidades de uso do espaço urbano que contempla arranjos diversos em grandes cidades. Ruas e esquinas de um mesmo bairro ou em relação aos espaços do centro traduzem diversas formas de viver, conceber e imaginar o tecido social e o uso do espaço. Territórios menos visíveis no interior das metrópoles acenam para novas modalidades da sociabilidade juvenil: a disseminação dos grupos de RAP na cidade de São Paulo constitui um bom exemplo (SPOSITO, 1993, p. 167)

É na rua que se constroem novas relações entre estes jovens, onde se afirmam identidades e estilos, onde o lazer é reconstruído, onde jovens se encontram, onde sofrem e vivenciam a violência, onde eles se relacionam afetivamente, onde constroem vínculos de amizade e novas referências culturais, valorativas e costumes. Onde práticas culturais emergem, são incorporadas e afirmam-se como resistência, como contra-hegemônica, sendo um processo central na constituição da experiência juvenil, pois:

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências gerais, velhos sistemas conceituais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença. (THOMPSON, 1981, p. 17)

Na ocupação fica nítida a centralidade da rua a partir da relação com o lazer. É possível, com um simples caminhar pelas ruas, notar os grupos de jovens sentados na frente de um bar, pelo futebol no campo improvisado com gols de bambu em um terreno vazio, ou na quadra da escola do bairro do lado, pela guerra de pipas no céu e na correria na busca de uma pipa que foi “abatida” e cairá na casa de um vizinho qualquer.

É nas esquinas que eles sentam entre amigos com uma caixa de som ao lado e simplesmente passam o tempo. É na rua que acontecem os namoros, paqueras e diversos processos que envolvem a sexualidade e afetividade. Na rua nota-se, também, a sociabilidade reafirmada mesmo entre os jovens mais velhos, com responsabilidades de adultos e famílias constituídas. Nestes casos, vemos a “escapada” do trabalho doméstico pelas jovens mães que saem pelas ruas e praças simplesmente para passear com os filhos e amigas, ou entre os jovens homens e pais que participam dos duelos de pipas com os filhos, ou vão para o futebol no campo improvisado. Nessa experiência, que acontece em torno da rua, eles se constituem enquanto jovens, afirmando a sua condição juvenil.

Pelas entrevistas, a rua, a princípio, parecia subestimada. Durante as conversas, primeiro ela aparecia na participação de grupos e coletivos de jovens, parecendo não ser muito significativa, ficando atrás dos esportes e de grupos de jovens organizados por igrejas. Nesta perspectiva, é possível notar o esporte também como central, porém não de uma maneira formal ou institucionalizada, mas apenas como diversão e pontos de encontros. Da mesma forma, aparece a importância da religião como fonte de valores e ideias, assim como na sociabilidade e na conformação da experiência juvenil. No avançar das entrevistas, ao ser introduzido o tema do lazer, a rua voltava com força, sendo a mais presente entre esses jovens, seguidas por atividades em casa mediadas por aparelhos eletrônicos (internet, videogame, celular, TV), saída para festas nos fins de semana e o descanso (no caso dos jovens que trabalham).

Todas essas dimensões da sociabilidade juvenil em torno da rua constroem referências de modos de vida destes jovens, sendo palco da imposição da práxis sobre a consciência e as pressões da consciência sobre a própria práxis, sempre com limites determinados que exercem e sofrem pressões, ou nas palavras de Thompson, a experiência como diálogo entre o ser social e a consciência social (THOMPSON, 1981). A rua ressignifica a sociabilidade negada ou limitada, da mesma forma que possibilita, por meio da experiência, o exercício de pressões sobre esses mesmos limites, como no apropriar dos espaços urbanos (seja nas periferias ou nas idas ao centro), como em práticas culturais emergentes que ao mesmo tempo são incorporadas pela cultura dominante oferecendo, ao mesmo tempo, resistência à mesma, como é o caso do RAP e do *funk* e até mesmo na violência como expressão de poder.

A condição juvenil negada transforma-se, assim, em resistência pelas ações desses sujeitos e a rua é o palco dessas relações. Essa resistência afirma a condição juvenil e pressiona a própria compreensão do que é ser jovem na própria comunidade, como uma representação cultural contra-hegemônica, no processo de inter-relação emergente e residual (WILLIAMS, 2001). São nessas experiências – as quais se apresentam com uma diversidade de formas – que os jovens vivem a condição juvenil, sob limites e pressões, agindo nessas possibilidades colocadas e questionando as próprias possibilidades e nestas experiências cotidianas se constituem enquanto sujeitos, enquanto sujeitos jovens.

Considerações finais

Ver os jovens como sujeitos, com experiências, criadores de cultura, significa compreendê-los como seres sociais que vivem as contradições sociais dentro de limites e sob pressões (WILLIAMS, 1979), negando, com isso, os modelos e concepções teóricas que veem os jovens como seres vulneráveis ou empreendedores (visões muitas vezes utilizadas por organizações não-governamentais e políticas públicas), assim como se nega o fetiche social em torno da juventude, como uma idade do vir a ser e de referência de valores e consumos culturais.

Para esses jovens empobrecidos, em situações de ocupação urbana, esses espaços de lazer, culturais e de sociabilidade geralmente são criados, recriados e vivenciados em torno da rua. Nesse sentido, esta serve como palco para a experiência juvenil, conformando um

diálogo entre o ser social e a consciência social (THOMPSON, 1981), entre condição juvenil e situação vivida.

Na rua, a condição juvenil limitada é afirmada, é onde se constroem espaços de sociabilidade principalmente em torno do lazer: no futebol, na pipa, no bar, ou simplesmente na esquina. Na rua e nas turmas de amigos são construídas mediações na incorporação cultural e valorativa que perpassam a escola, o trabalho, a família e diversas agências sociais difusoras de ideias, crenças e valores. As práticas culturais emergem, pois, nas ruas estilos são criados: o *funk* e o RAP, por exemplo, tornam-se modos de vidas para esses jovens, como uma forma de viver o presente e nas expectativas futuras, nos sonhos limitados por suas situações de classe.

Referências

ACERVO de Pesquisa. *Questionários aplicados pelos autores*. Ago. 2015.

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____.; BRANCO, P. P. M. *Retratos da juventude brasileira*. 1 reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

ALVES, G.; ESTANQUE, E. (Org.). *Trabalho, juventude e precariedade: Brasil e Portugal*. Bauru: Canal 6, 2012.

ALVES, G. Juventude e a nova precariedade salarial no Brasil: elementos da condição proletária no século XXI. In: _____.; ESTANQUE, E. (Org.). *Trabalho, juventude e precariedade: Brasil e Portugal*. Bauru: Canal 6, 2012.

BABBIE, E. *Métodos de Pesquisa de Survey*. Trad. Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BARBETTA, P. A. *Estatística aplicada às Ciências Sociais*. 5ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

CASTRO, E. G. de. *Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural*. Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFRJ, 2005.

CAMARGOS, R. AUGUSTO, J. *É o fluxo*. Filme. 2014. Disponível em: <<http://eofluxo.com/>> Acesso: 11 out. 2015.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude brasileira em Belo Horizonte*. Doutorado. Faculdade de Educação-USP, São Paulo, 2001.

_____. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. [Online], nº 24, 2003.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da sociabilidade juvenil. *Educ. Soc.* Campinas, v. 31, nº 100 – Especial, pp. 1105-1128, 2007.

DE SORDI, D. N. *Moradia, trabalho e luta: experiência, práticas e perspectivas sobre ocupações de terras urbanas (Uberlândia, MG 2000-2012)*. Mestrado. INHIS-UFU, Uberlândia, Brasil, 2014.

FIUZA, L. M. et al. Tráfico de drogas, briga de gangues e homicídio em série: a biografia de um jovem em conflito com a lei. *Projeto História*. São Paulo, nº 51, pp. 64-98, 2014.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. *Agenda Juventude Brasil*. Pesquisa de opinião pública, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>> Acesso: 09 jun. 2015.

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social. Revista Sociologia da USP*. São Paulo, v. 5 n. 1 e. 2, pp. 161-178, 1993.

_____. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, J. (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 3 ed. Belo Horizonte: UFMG, pp. 96-104, 1996.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A formação da classe operária inglesa 2: A maldição de Adão*. 2ª ed. Trad. Renato Busatto Netto e Cláudia Rocha de Almeida. Vol. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência: Os jovens do Brasil*. Brasília: Secretaria-Geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014.

WILLIAMS R. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, pp. 87-93, 1979.

_____. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: _____. *Cultura e Materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, p. 43-68, 2011.